

# ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO

## EDITORIAL

### O ENSINO DA MEDICINA

Em solenidade conjunta dos Ministérios da Educação e da Saúde, realizada no dia 10 de julho de 2015, o ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro, anunciou a criação de 2.290 novas vagas para os cursos de medicina, que deverão chegar a 7.600 em 2016.

Não sei se rio ou se choro diante de fatos que vão na contramão do bom senso, contrariando quaisquer princípios da formação de bons profissionais, principalmente daqueles que terão a nobre missão de cuidar da saúde do ser humano.

Relembrando 1958, nós, calouros do primeiro ano da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Fmusp), fomos recebidos em aula inaugural ministrada pelo professor de fisiologia Alberto Carvalho da Silva. O tema foi: "A necessidade da manutenção das 80 vagas para o curso de medicina da Fmusp".

Há uma simples razão para esse alerta que o professor Alberto já fazia nos idos de 1958. Não se aprende medicina em livros, importantes instrumentos para balizar o estudo; nem em computador, o Dr. Google; muito menos em bonecos que não se comunicam com a alma humana. É um curso predominantemente prático, que necessita de material humano para ser ministrado, tanto de docentes titulados quanto de doentes, aqueles que sofrem ainda mais ao emprestar o seu corpo para o aprendizado das doenças e de suas terapias.

Portanto, antes de pensar em autorizar o funcionamento de novas escolas médicas e, conseqüentemente, oferecer mais vagas aos estudantes, devem ser respondidas afirmativamente as seguintes questões:

1. A estrutura física, para o ensino da medicina, é adequada? Conta com salas equipadas, de acordo com as necessidades de cada disciplina?
2. Existem peças anatômicas, provenientes de cadáveres, suficientes para o correto aprendizado do corpo humano?
3. Existe material didático à disposição dos estudantes para a imersão microscópica na fisiologia e na patologia do ser humano?
4. A disciplina anatomia patológica, para a qual convergem todos os conhecimentos absorvidos desde as disciplinas básicas, é municiada com material humano e de laboratório suficientes?
5. A faculdade tem biblioteca de qualidade?
6. A faculdade tem ambulatório que atenda às necessidades de saúde da população do entorno?
7. A faculdade tem Hospital Universitário (HU) capacitado para o ensino das disciplinas clínicas?
8. O HU tem pronto-socorro equipado para atender a qualquer emergência?
9. Finalmente, o último requisito, o mais importante. Dispõe de corpo docente em cada uma das suas disciplinas, com, ao menos, um docente titulado? Um aluno de medicina só se tornará um bom médico ou um bom professor, se ele tiver tido, durante seu aprendizado, bons professores.

Portanto, não se autorizam escolas médicas nem se ampliam suas vagas, simplesmente com canetadas políticas, demagógicas. Essa demagogia gera, para o jovem à procura de uma profissão que lhe dê emprego, a impressão de que a medicina é uma boa profissão. Deve dar dinheiro. Ledo engano. A medicina é uma profissão que deve ser procurada pelos dotados de vocação para minorar o sofrimento alheio. A remuneração, necessária como é óbvio, deve ser apenas a consequência de uma atuação decorrente desse princípio.

Diante dessa irresponsável realidade, torna-se imperiosa uma medida por si própria já necessária: submeter o vestibulando a exames psicológico e vocacional, com poder excludente.

Para confirmar o desvio de foco do governo federal, os conselhos de medicina, federal e do estado de São Paulo, publicaram, em 22 de novembro de 2011, um extenso estudo estatístico da atividade médica no Brasil, "Demografia médica no Brasil", de 210 páginas. Demonstraram que o problema brasileiro não é a falta de médicos, e sim sua péssima distribuição.

À época, o Brasil tinha 1,95 médicos por mil habitantes, número muito próximo dos índices de países europeus e dos Estados Unidos da América do Norte. Os extremos estavam no Maranhão, com 0,68; e no Distrito Federal, com 4,2. Nas cidades, Macapá, com 1,06; e Vitória, com 10,41, eram os extremos. Na cidade de São Paulo, o índice era de 4,33, enquanto no estado de São Paulo, 2,58. Relembrando: são números de quatro anos atrás, portanto, devem ter sido superados para melhor.

Fica claro que o problema está na má distribuição de médicos, razão direta da falta de estrutura em muitas regiões do Brasil, quer para abrigar a família do médico, quer para permitir um atendimento à saúde decente, com a participação imprescindível de categorias profissionais afins.

Estes atos demagógicos na área da atenção médica, provenientes do decreto do governo federal que criou o Mais Médicos, não melhoraram o atendimento médico no Brasil, e, ainda de quebra, estão exaurindo as já combalidas finanças públicas, pois enviamos para Cuba R\$ 114 milhões todo mês, em troca de 11.400 "médicos" (médicos?) cubanos.

O resultado dessa malsinada política pode ser comprovado pela percepção da população brasileira revelada pela pesquisa do Datafolha do mês de novembro de 2015. O segundo pior problema brasileiro é a saúde, só superado pela inimaginável corrupção que nos assola.